

As Diferentes Sexualidades

Cláudio Picazio¹

Sexualidade é um conceito um pouco complicado porque envolve muitas coisas diferentes, tais como comportamento, o ato sexual em si e noções do que seja masculino e feminino. Para dificultar um pouco, vivemos em uma sociedade que não tem o hábito de encarar o sexo como algo natural, que faz parte de nossa espécie e de cada indivíduo desde que nasce. Talvez porque o prazer assuste, temos uma longa tradição de tentar reprimir pensamentos e conversas sobre tudo que se relacione à sexualidade, tradição esta mantida firmemente por nossas escolas, igrejas e, em geral, infelizmente também por nossos pais.

Aquilo que não é falado abertamente tende a ir para uma parte de nós mais sombria, pouco iluminada pela compreensão. Tudo o que tem a ver com sexo costuma ser mais proibido, mais assustador (e também mais interessante) que, digamos, matemática ou filosofia. Assim, muita gente cresce sem saber direito como evitar uma gravidez, apesar de aprender com tranquilidade como fazer adições e multiplicações. Tanto adultos como adolescentes ficam espantados com o que lhes desperta desejo e muitas vezes sentem culpa, achando que não são “normais” .

O que não sabem é que a expressão da sexualidade é quase tão variada quanto as opiniões dos filósofos sobre o que é importante na vida.

Normal, aliás, é a grande preocupação de quem entra na puberdade. Eu não gosto quando ele me aperta os seios, será que eu sou normal? Detesto levar chute nos jogos, será que eu sou veado? Todo mundo acha que tem de ser igual a todo mundo, e qualquer diferença é mantida em grande segredo, além de causar angústia.

É normal querer ser aceito pelo grupo durante a adolescência. É normal usar um modelo de perfeição - como uma atriz de cinema ou um jogador de basquete - e sentir-se meio inferior em comparação. É normal se preocupar com todas as mudanças que de repente acontecem no corpo e nos desejos com a chegada da

¹ In Diferentes Desejos – Adolescentes homo, bi e heterossexuais. São Paulo: Summus, 1998.

puberdade. O que você não costuma ouvir é que também é normal ser diferente.

Somos bilhões e bilhões de pessoas neste planeta. Como pode alguém imaginar que sejamos todos iguais, seja no que for? E na área de sexualidade - essa área sobre a qual temos tanto medo de falar - somos tão diferentes quanto fisicamente. É mais normal ser preto ou branco? Alto ou baixo? Gordo ou magro? Se você consegue responder a alguma dessas perguntas, tem o que se chama preconceito.

Talvez você pergunte: mas não existem diferenças que fazem as coisas piores?

Sem dúvida. É uma diferença ruim ser cego em lugar de enxergar. Ter diabetes é muito pior do que não ter. Isso porque esse tipo de diferença causa limitações, dor e desconforto para quem a tem. Mas ter 1,50m ou 1,80m geralmente não causa problemas. Se ninguém ficar amolando o indivíduo por ser “baixinho”, nada o impedirá de levar uma vida feliz e realizada. Vide Alexandre, o Grande, que apesar do epíteto era bem mais baixo do que os generais que liderou para conquistar toda a Grécia e o Império Persa.

É importante você distinguir entre o que é problemático em si e o que é visto como problema pela sociedade a que pertence. Ser negro não é um problema em si. Pessoas bonitas, inteligentes e saudáveis são negras. Mas dependendo do lugar onde elas nascem, as pessoas em volta podem transformar o ser negro em um problema, como na África do Sul até os anos 90.

Neste caso, o problema é o fato de a sociedade ser intolerante, não a pessoa ser diferente de algum modelo do que é “bom” ou “bonito”.

Nosso mundo tem uma longa história de sociedades intolerantes. Só para citar uma das mais dramáticas, temos os nazistas nos anos 30 até a Segunda Guerra Mundial. Os nazistas eram um grupo que achava que sabia o que era certo e o que era errado. Tudo o que se afastava do ideal “ariano” que eles inventaram era ruim. Se o modelo era ser alto, loiro e de olhos azuis, os morenos, baixos e de olhos castanhos eram considerados “inferiores” (exceto, curiosamente, o próprio criador da coisa toda, Adolf Hitler). Se a religião “certa” era a cristã, os judeus foram implacavelmente perseguidos. Se o certo era ser soldado, pacifistas foram presos. E

assim foi com todas as diferenças e variações naturais da raça humana.

No campo da sexualidade, claro que também foram intolerantes. Perseguiram os homossexuais de modo quase tão sistemático quanto aos judeus (estima-se que tenham exterminado 220.000 gays durante o Terceiro Reich). Dos mais de 50.000 casos documentados de homens homossexuais presos, 4.000 eram menores de idade.

Qual foi o resultado dessa tentativa de criar uma sociedade tão dentro de moldes estabelecidos? Uma intolerância que levou aos campos de concentração, a maneira mais cruel de extermínio em massa já inventada, para lidar com o que não se encaixava em seus modelos. Horrorizaram o mundo todo, fazendo com que países até então rivais se aliassem para combatê-los. E perderam não só a guerra como incontáveis talentos humanos, que fugiram da intolerância nazista e acabaram enriquecendo a cultura de outros lugares.

Apenas como um pequeno exemplo temos os estúdios cinematográficos alemães, que até os anos 30 eram o que havia de mais inovador no mundo. Com o clima opressivo à liberdade de expressão artística imposto pelo Führer - que resolveu definir até mesmo o que era bonito em arte - muitos cineastas, atores e técnicos mudaram-se para uma cidade pacata chamada Los Angeles, para fazer ali o cinema para o qual não mais tinham espaço na Alemanha.

Temos certeza de que se o regime nazista tivesse conseguido avaliar o tamanho da perda em bilhões de dólares para uma Hollywood que surgia, teria sido mais flexível.

O reverso também é verdadeiro. Existem sociedades que têm muito menos dificuldade para tolerar as diferenças naturais de seus membros. Este sempre foi, e continua sendo, o marco de uma civilização mais desenvolvida.

Qual é a região mais rica do planeta? O estado norte-americano da Califórnia. Qual é lugar mais famoso por sua população alternativa, de *hippies*, *beatnicks*, homossexuais, atores, ufólogos, profetas, ecologistas, imigrantes ilegais e uma série de outras categorias não muito bem vistas pelas pessoas mais tradicionais? Não coincidentemente, o estado norte-americano da Califórnia. Onde é o Vale do Silício, local onde mais se criam componentes e *softwares* para computadores? Idem. Onde

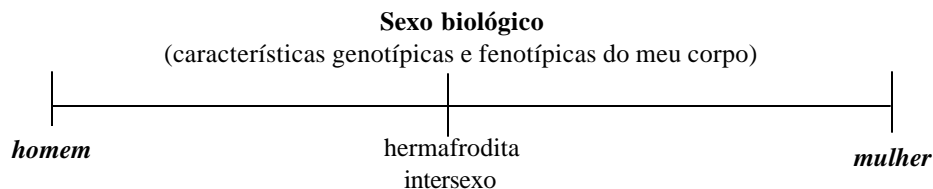
começou a revolução sexual? Onde fica a cidade mais gay do planeta, em que até o prefeito é assumido? Onde existem mais motoqueiros, mais sadomasoquistas, mais lésbicas, mais *drag queens* no mundo? No mesmo riquíssimo estado norte-americano da Califórnia.

Nem todas essas pessoas gostam umas das outras, nem o que fazem tem o mesmo valor para a sociedade. No entanto, porque têm a liberdade de exercerem suas diferenças, acabam criando muito mais do que se vivessem oprimidas, e dessa forma geram riquezas de maneiras inesperadas e incalculáveis.

Nós não somos máquinas. Cada um de nós traz ao mundo uma combinação única de qualidades e defeitos, características físicas e psicológicas. Aceitar que somos diferentes, viver bem com a nossa química pessoal e respeitar a dos outros, dá espaço para que cada um faça sua contribuição mais pessoal ao mundo, que cada um crie e ofereça o que tem de melhor. Isso pode ser tanto uma moda toda em couro com tachas afiadas quanto o programa que vai revolucionar o trabalho em escritórios.

E aqui entra - finalmente - a sexualidade. Cada um tem a sua combinação de sexualidade, que faz com que a sua busca de prazer e relacionamentos seja um pouco diferente de todas as outras pessoas. Aceitá-la é o melhor caminho para uma vida feliz em uma sociedade civilizada.

A composição da sexualidade



A sexualidade de cada um é composta de vários elementos. O primeiro é o corpo com que a gente nasce. Pelos genes, somos todos homens ou mulheres. Na sexta semana de gestação, os genes XY dos machos começam a fazer com que se diferenciem das fêmeas (de genes XX) e desenvolvam o pênis e o saco escrotal,

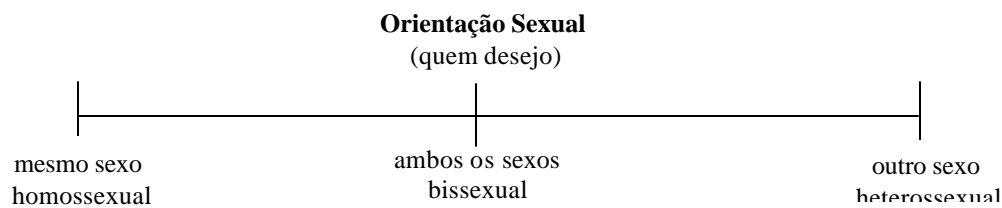
enquanto o feto feminino começa a definir o útero, a vagina e o clitóris. Quando nascemos, são estas gônadas que determinam se seremos tratados como meninos ou meninas.

Conforme crescemos, nossa aparência - barba, peito largo para os rapazes; quadris redondos, mamas para as moças - é determinada por um equilíbrio de hormônios, em que entram masculinos e femininos para ambos os sexos.

Esse coquetel de hormônios resulta de fatores tanto genéticos - há famílias em que as pessoas têm mais pêlos, por exemplo, como resultado da presença de mais hormônios masculinos entre seus membros - como também do ambiente intra-uterino, ou seja, a saúde da mãe durante a gestação. A mãe sob estresse, tomando drogas, ingerindo alguns tipos de remédios ou estando doente pode interferir no equilíbrio natural de seus hormônios, criando um ambiente diferente para o feto justamente quando qualquer pequena alteração afeta seu desenvolvimento.

Uma mulher com aparência típica tem mais hormônios femininos, como estrógeno, circulando em seu sangue. Um homem típico tem mais hormônios masculinos, como andrógeno, em sua circulação. Mas as combinações mais variadas acontecem, criando desvios perfeitamente naturais, como meninas com bigodes e meninos com mamas. Existem casos bem raros em que os órgãos genitais de ambos os sexos aparecem no corpo da pessoa, quando se diz que é um hermafrodita, ou intersexo.

O mais comum não é, como seria de se esperar, que todas as pessoas sejam típicas, mostrando apenas as características de seu sexo. A natureza não costuma trabalhar com absolutos, preferindo sempre a variedade e as imperfeições. Portanto, quase todos nós estamos em algum lugar do espectro próximo a uma das pontas.



Orientação sexual significa por quem sentimos o desejo de nos relacionarmos

sexual e amorosamente. A orientação afetivo-sexual nos dá o caminho para irmos em busca da pessoa com quem iremos viver os nossos desejos sexuais, fantasias, paixões e amores.

A formação de nossa orientação sexual resulta de vários fatores. Psicólogos afirmam que ela surge na primeira infância (até os 4 anos de idade), e que na adolescência ela se solidifica. Pesquisadores tendem a responsabilizar fatores genéticos, tendo descoberto que existe uma configuração no DNA que, provavelmente, determina uma predisposição para a homossexualidade. Irmãos de mesmos pais têm uma probabilidade maior de serem homossexuais do que irmãos adotados. É mais freqüente também encontrarmos dois gêmeos idênticos que sejam homossexuais do que não idênticos. A probabilidade é grande mas não é de 100%, ou seja, nem tudo é genético. No entanto, ninguém tem certeza de quando e de como realmente o desejo sexual se forma. Ninguém achou a “causa” para a homo, bi ou a heterossexualidade ainda.

As conversas sobre a homossexualidade ser uma doença, um desvio, ou mesmo uma opção são portanto bobagens. Elas fazem parte daquele problema que é mais social do que pessoal. Uma vez que o desejo não causa dor nem impede que a pessoa seja feliz, problemática é a sociedade que não aceita seus membros diferentes.

É bom lembrar que os “diferentes” são uma enorme multidão. Algo como até 11% da população mundial é formada de homens e mulheres homossexuais, independentemente de raça, cor, nacionalidade, condição cultural ou social. Algo como até 30% da população, também sem diferença de onde morem ou como tenham sido criados, são de homens e mulheres bissexuais. Isto quer dizer que até quatro pessoas em cada dez sentem desejo por pessoas do mesmo sexo, de vez em quando ou sempre.

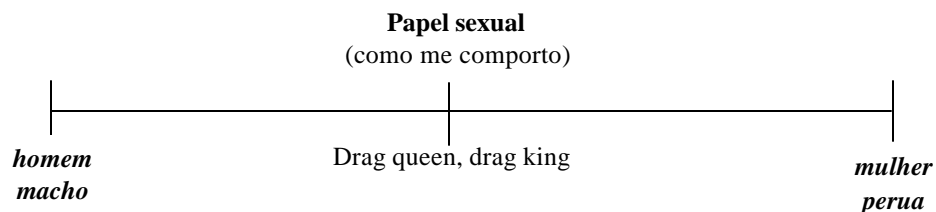
Este “até” se deve à precariedade das pesquisas. Visto que ainda existe um forte preconceito contra todos os que não são heterossexuais, nada mais natural que as pessoas mentirem nas respostas a pesquisadores, ou mesmo estes fazerem perguntas pouco claras. Só saberemos com certeza quantas pessoas são de fato homossexuais e bissexuais quando o assunto deixar de gerar desconforto.

a continuação da construção dessa identidade.

Muitos, mesmo tendo consciência de sua identidade sexual biológica, se questionam se tal sentimento ou atitude é de homem ou de mulher. Temos consciência de nossa identidade corporal (menino ou menina), mas ela não é suficiente para realmente nos sentirmos homens ou mulheres. Nem tudo é tão “certinho”, existem formas diversas pelas quais a identidade sexual se manifesta. Por exemplo, os travestis são pessoas com uma identidade sexual variável, pois num momento sentem-se homens e em outro mulheres. Há pessoas ainda cuja identidade sexual é oposta ao sexo biológico, as chamadas transexuais.

Um exemplo conhecido é o de Roberta Close, que nasceu menino mas sempre acreditou ser uma menina, tomando hormônios desde a adolescência, travestindo-se e modificando-se até passar por uma operação para mudança de sexo. Roberta tem os genes de um homem, tinha a aparência física de um homem, é heterossexual (visto que se considera uma mulher e gosta de homens) e tem a identidade sexual de mulher.

A identidade sexual é formada ao longo da vida através da imagem física, de como a pessoa é tratada e como ela se sente. Nesse sentir é que reside a dúvida de como a identidade sexual pode ser construída, já que o sentir é individual, e, portanto, único.



A identidade sexual em geral se manifesta em um comportamento social, chamado papel sexual. Apesar de chamar-se sexual, trata-se mais de um papel social, mas que também inclui as relações sexuais. Tudo o que agente associa a “coisa de homem” ou “típico de mulher” faz parte do papel sexual que a pessoa está exercendo.

Por exemplo, quando uma menina diz que não sabe trocar pneu, está se

comportando da maneira que considera adequada a seu sexo. Socialmente, é aceitável que meninas sejam incapazes de lidar com mecânica de automóveis. Lógico que ela é tão capaz quanto qualquer menino de aprender a trocar um pneu, dirigir um carro de fórmula 1, treinar boxe e tornar-se campeã de tiro. Mas se resolver fazer estas coisas, estará exercendo o papel sexual-social de homem em nossa sociedade, o que costuma atrair desaprovação ou, no mínimo, estranheza.

Um marido que resolva ficar em casa cuidando dos filhos também estará contrariando o papel sexual de homem em nossa sociedade, mas isso não quer dizer que ele sinta ser mulher (ou seja, que tenha a identidade sexual de mulher) ou que sinta desejo por outros homens (ou seja, que tenha uma orientação sexual para o mesmo sexo). O papel sexual nada mais é do que a maneira como nos comportamos, associada à maneira como os outros nos vêem.

O que acontece é que nesse eixo não é muita gente que ocupa as pontas, ou seja, que é um Clint Eastwood de machão ou uma Julia Roberts de fêmea. Mais ainda, as pessoas estão querendo cada vez mais livrar-se de papéis rígidos. É por isso que vemos mulheres praticando esportes radicais e homens entrando em contato com a sua sensibilidade. Isso é bom para todos e dá liberdade a cada indivíduo de escolher o papel que melhor corresponde ao que sente.

Tanto as *drags queens* como os *drags kings* são diferentes dos travestis, porque sentem pertencer ao seu sexo biológico e têm a identidade correspondente a ele. Na verdade, *drags* brincam com o papel sexual do sexo oposto ao seu, geralmente de forma estereotipada e hilariante, assim como os homens no carnaval se vestem de mulher e brincam com esse papel.

A nossa sexualidade, em suma, compõe-se de uma combinação do corpo que temos (nosso sexo biológico), das pessoas por quem sentimos desejo (nossa orientação sexual), de quem achamos que somos (nossa identidade sexual) e como nos comportamos (nosso papel sexual). Cada pessoa tem uma combinação toda sua desses quatro espectros de sexualidade, e é perfeitamente natural que boa parte de nós seja diferente do modelo de homem 100% hétero machão e mulher 100% hétero fêmea em algum aspecto. Como vimos, os modelos perfeitos é que não correspondem

ao que a maioria de nós realmente somos.

Você pode ser, por exemplo, um menino biologicamente muito masculino, já com a voz grossa antes do tempo, sentir desejo principalmente por homens sem recusar de vez em quando uma menina, identificar-se como homem e adotar o papel sexual de macho, tendo vontade de tornar-se piloto de caça. Você pode ser uma menina com um pouquinho a mais de hormônios masculinos e viver raspando uma penugem de bigode, ter desejo principalmente por meninos, identificar-se como mulher e agir de forma meio machona, já que não gosta da passividade que se espera das meninas. Você pode ser um rapaz com estrógeno a mais na circulação e ter pequenas mamas, sentir desejo só por mulheres, identificar-se como homem mas odiar as brincadeiras violentas dos outros meninos. Você pode ser uma mulher muito feminina, com curvas de miss Brasil, e gostar só de mulheres, além de se ver como uma mulher meio homem, sentindo-se à vontade em roupas masculinas.

Tudo é possível, as diferenças são muitas e nenhuma é errada em si. Vivemos em uma sociedade que está passando por profundas transformações, talvez porque possamos ver como as questões que nossos pais achavam eternas mudam de um dia para outro e são diferentes em outros lugares do mundo. Aqui no Brasil, por exemplo, a modesta lei de união civil, que reconhece alguns direitos de parcerias homossexuais, cria o maior estardalhaço para ser aprovada. Na Dinamarca, o casamento entre pessoas do mesmo sexo dá os mesmos direitos que o entre pessoas de sexos diferentes desde 1987.

Aqui, pregadores cospem nas câmeras de televisão para falar do pecado que é amar alguém do mesmo sexo. No entanto, quem navega pela internet pode descobrir com facilidade que na Holanda 90% da população aceita a homossexualidade e que nos EUA já existem mais de 250 grupos de bissexuais assumidos.

O que podemos perceber, se olharmos à volta com calma, é que as pessoas são diferentes, mas isso não é problema. Problema é quando somos desonestos, cruéis, intolerantes. Quem cada um de nós ama, como cada um de nós tem prazer, não é problema, e talvez faça parte da solução.